

Cachinhos de Urso

Stéphane Servant

Ilustrações Laetitia Le Saux

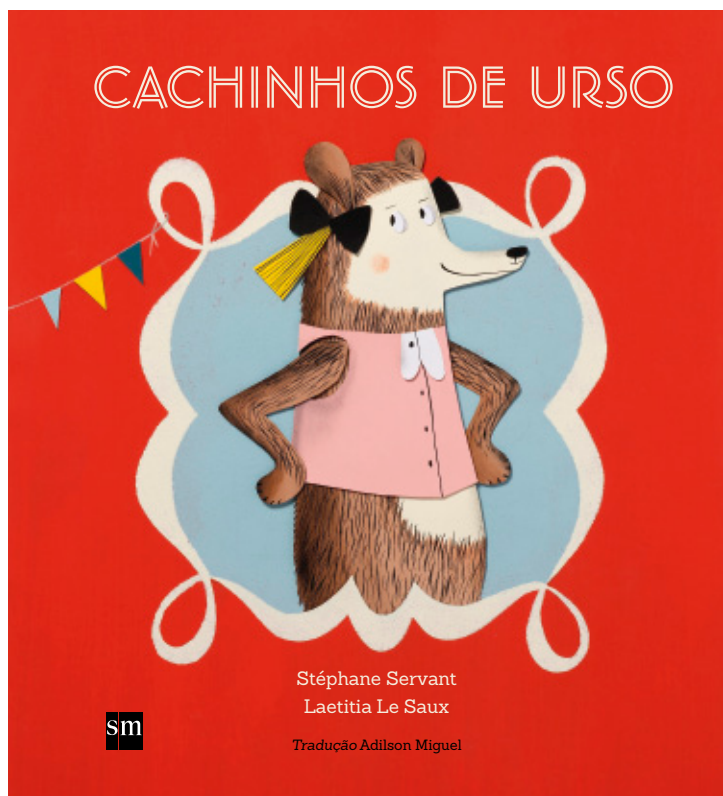
Tradução Adilson Miguel

Nível leitor 8 - 9 anos

Ciclo escolar 3º - 4º anos

32 páginas

TEMAS Conto de fadas / Estereótipos /
Identidade / Questões de gênero



O AUTOR Stéphane Servant nasceu em Carcassonne, França, em 1975. Estudou Literatura Inglesa e fez intervenções artísticas em escolas e associações. Foi desenvolvedor cultural, artista de circo, roteirista, ilustrador e designer gráfico antes de se estabelecer como escritor. Apaixonado por livros desde a infância, decidiu escrever para crianças para ajudá-las a viver novas aventuras e encontrar seu lugar no mundo. É autor de mais de trinta livros infantis e adultos. Dentre eles, destacam-se *Guadalquivir*, selecionado em 2010 para o catálogo White Ravens, da Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique; *La Culotte du Loup*, ilustrado por Laetitia Le Saux; e *Sempre perto*, publicado no Brasil pela Scipione (2011). Para saber mais sobre seu trabalho, acesse: stephaneservant.over-blog.com (em francês).

A ILUSTRADORA Laetitia Le Saux nasceu em Nantes, França, em 1969, e ainda pequena se apaixonou pelas cores. Formou-se na Escola de Belas-Artes de sua cidade e iniciou seu trabalho artístico fazendo estampas para tecidos. Logo passou a ilustrar capas de livros, cartazes de peças de teatro, contos e livros didáticos e infantis. Em 1994, foi apontada como revelação do Salão do Livro Infantojuvenil de Montreuil. Colabora com diversas publicações femininas, como *Madame Figaro* e *Marie France*, faz ilustrações para publicidade e para imprensa corporativa e realiza oficinas em escolas e bibliotecas. Para saber mais sobre seu trabalho, acesse: laetitialesaux.com (em francês).

O LIVRO A floresta está em polvorosa por causa da grande festa à fantasia que está para acontecer. Na casa da família Urso, a mãe finaliza sua fantasia de Bela Adormecida e o pai experimenta seu traje de Lobo Mau quando o filho anuncia que vai se vestir de Cachinhos de Urso, com direito a saia rosa e maria-chiquinha loira. Papai Urso fica indignado com essa escolha, que julga inapropriada, e tenta convencê-lo a usar qualquer fantasia mais “masculina”, como a de ogro ou a de cavaleiro medieval. Tem início então uma disputa entre esses dois teimosos personagens, até que o temido Lobo entra em cena para resolver o impasse.



ESTEREÓTIPOS

Ocasionalmente, em vez de analisar as particularidades de uma situação concreta, real, recorreremos a opiniões ou conceitos preconcebidos, os chamados estereótipos. Essas ideias simplificadas e generalizantes são empregadas em grande parte por um princípio de economia: é mais fácil recorrer a esquemas e modelos já estabelecidos, que traduzem uma espécie de consenso, do que avaliar e interpretar continuamente a realidade. O estereótipo tem caráter não apenas descritivo, nomeando e classificando indivíduos, grupos e fenômenos, como prescritivo e proscritivo. Prescritivo porque contém recomendações de como se deve ser ou agir (a exemplo do uso da saia por meninas); proscritivo porque estabelece proibições (como o tabu em relação a meninos vestirem saia).

Vê-se, então, que o estereótipo é veículo para a manifestação de preconceitos, orientando o tratamento que se dá a determinados grupos e pessoas. Quando o tomamos como verdade imutável, sem refletir criticamente sobre ele, fechamos os olhos à diversidade de situações, grupos e indivíduos, com suas múltiplas singularidades, experiências e maneiras de ser. As pessoas são, assim, classificadas e julgadas de acordo com idade, aparência física, etnia, sexo, meio social, orientação sexual, religião etc. A adesão aos estereótipos pode dar margem a discursos e práticas discriminatórios, daí a importância de desconstruí-los.

OBRA EM CONTEXTO

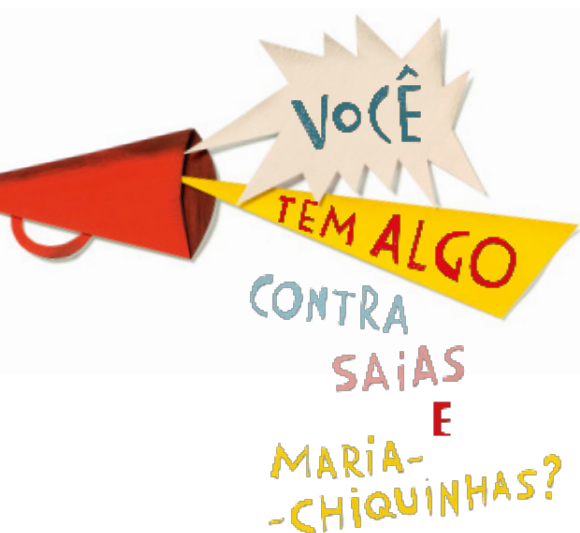
Desde a dedicatória (“Para os ursinhos que gostam de saia e as ursinhas que gostam de macacão...”) não há dúvida de que *Cachinhos de Urso* tratará de **estereótipos** e tolerância — temas que envolvem tabus e valores sociais, e cuja discussão é de suma importância.

A sala de aula, local de aprendizado por excelência, não tem como escapar dessas questões. O professor, portanto, precisa buscar leituras que lhe deem apoio quando esses temas surgirem e encontrar os melhores meios de abordá-los. *Cachinhos de Urso* é um pretexto excelente para introduzir tais reflexões com as crianças de um jeito leve e divertido, sem perder de vista o prazer da leitura.

DE MENINO / DE MENINA

A história da vestimenta infantil ajuda a mostrar que os estereótipos de gênero configuram-se socialmente. Até o início do século XIX, tanto meninos como meninas usavam vestidos e saias curtas até os cinco ou seis anos de idade. As calças marcavam a diferença entre a infância e a vida adulta, e não entre o sexo feminino e o masculino. Além disso, as crianças eram vestidas de branco e, mesmo quando outras cores começaram a ser usadas, em meados daquele século, não havia distinção baseada em gênero.

Foi só no final desse mesmo século que as roupas começaram a se distanciar, com meninos usando cada vez mais cedo calças e meninas simplesmente não as utilizando. Ainda assim, levou muito tempo até haver um consenso sobre quais seriam as cores “femininas” e “masculinas”.



GÊNERO

A distinção entre “sexo” como termo biológico (definido com base nas diferenças de genitais, cromossomos e características sexuais secundárias) e “gênero” como termo social, cultural e psicológico (noções de masculinidade

CONTESTADORES POR EXCELÊNCIA

Desde antes do nascimento, normas, conceitos, padrões e ordens regem nossa vida: certo/errado, isso pode/isso não pode, **de menino/de menina**. As crianças têm mais dificuldade em enxergar essas regras do que os adultos, uma vez que ainda estão tomando ciência delas e das repercussões de sua aplicação. Por isso, muitas vezes rompem as fronteiras entre o “certo” e o “errado”.

Um menino que, a exemplo do Pequeno Urso, gosta de vestir roupas “de menina” e uma menina que se sente mais feliz com brincadeiras “de menino” podem não entender os motivos da distinção. Dessa maneira, as crianças têm enorme contribuição a dar aos adultos, fazendo-os pensar no que significam essas normas, de onde vêm e se são naturais ou culturais.

Muitas questões surgem nesse debate. Geralmente, qual comportamento é repreendido e qual é aprovado em sociedade? O quanto isso muda de cultura para cultura? De onde vem a definição do que é certo ou errado e como isso interfere em nossas ações? Com que intensidade um regime normativo que determina o comportamento dos cidadãos contribui para uma sociedade em que a vigilância e a punição são mais poderosas do que o direito de ir e vir?

Para que a educação saia na frente nessa reflexão, cabe ao educador abrir espaço para que a liberdade e a tolerância sejam norteadoras de sua instituição, em vez de ensinar os alunos a se adequarem a parâmetros impostos, como ideais de beleza e de comportamento. Nesse sentido, *Cachinhos de Urso* é uma oportunidade para que cada criança explore a diversidade de comportamentos, descubra seus verdadeiros gostos e exerça a tolerância e o acolhimento das diferenças, não só no que diz respeito a **gênero**, mas a orientação sexual, etnia, classe social etc., levando a uma vida de autoconfiança e aceitação.

IDENTIDADE, SEXUALIDADE E INFÂNCIA

É natural que a criança explore o mundo e interaja com ele tentando descobrir aquilo com que se identifica e que levará em frente. Assim, ela constrói seus valores, elabora sua identidade, experimenta, descobre-se, em um exercício saudável para a construção da subjetividade. É isso o que faz o protagonista de *Cachinhos de Urso*, ainda que ignore toda essa teoria: em seu

e feminilidade) começou a ser difundida nos anos 1970, graças à atuação de correntes políticas e teóricas do feminismo. Essa distinção permitia o reconhecimento das diferenças sexuais e criticava a desigualdade de gêneros, liberando a mulher de um destino determinado biologicamente.

Apesar de utilizada por entidades como a Organização Mundial da Saúde, nem todos concordam com essa distinção. No livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (Civilização Brasileira, 2003), a influente teórica norte-americana Judith Butler argumenta que a própria noção de sexo é fruto de construção sociocultural. Para ela, haveria uma exigência opressora de coerência entre sexo, gênero e uma prática ou exercício da sexualidade compulsoriamente heterossexual.

Independentemente de divergências teóricas, o que importa são o reconhecimento e a crítica do uso social das diferenças, além da necessidade de exercer a tolerância e a aceitação em relação aos diferentes modos de configuração e existência do sexo, do gênero e da sexualidade. Combater os estereótipos é um passo fundamental na eliminação do preconceito, da exclusão, da desigualdade e da violência baseada no gênero. Nesse sentido, a ação pedagógica da família e da escola na luta contra o *bullying* é de extrema importância, bem como o uso dos veículos de comunicação e da publicidade, que tendem a criar, reproduzir e reafirmar estereótipos.



processo de autoafirmação, ele exerce seu direito de escolha, com tranquilidade e segurança.

Nesse sentido, a recriminação que o Pequeno Urso sofre de seu pai funciona como um “choque de realidade”, na medida em que ele representa um mundo conservador e exigente, todo o peso normativo que nos é imposto (não à toa, a revista que ele segura na página 21 se chama *Sistema*). Papai Urso é sério, ranzinza, não sabe brincar ou ousar: está confortável naquilo que toma para si como certo e repele aquilo que vê como errado. Irrita-se com o Pequeno Urso e começa a sugerir fantasias que considera “apropriadas”. Quando confrontado, não tem argumentos e desfia todo o seu machismo: “um URSO de verdade não usa saia rosa! Nem maria-chiquinha loira! Isso é para as meninas, as ursas, os fracotes, os frangotes, os pequenotes!” (p. 21). Papai Urso não está apenas atacando seu filho ou quem usa roupas que costumam ser associadas ao gênero oposto, mas todos aqueles que fazem algo que se desvie da noção de “normalidade”.

Assim, o personagem é metáfora de uma sociedade que reprime tudo o que lhe é diferente — repressão essa que na vida real pode aparecer inclusive como agressão verbal ou física. Papai Urso faz uso de sua autoridade para impor ao filho seus valores e suas normas. Assim, nega a ele sua autonomia e identidade. Ainda bem que o Pequeno Urso não está disposto a entregá-las tão facilmente.



ACEITAÇÃO DAS DIFERENÇAS

Com o tempo, a criança internaliza as normas sociais que encontra a seu redor e isso passa a orientar sua visão de mundo e sua conduta. Entram nesse jogo a cultura, a família, os amigos, as crenças etc. Para que ela entenda e assimile essas normas sem perder sua individualidade e sua liberdade nesse processo, precisa de bons exemplos de tolerância em que se basear.

No livro, esse papel é desempenhado pela Mamãe Urso e pelo Lobo Mau. Mamãe Urso apoia a vontade do filho assim que ele a expressa e começa a reavaliar a própria fantasia, ao ver que seu leque de possibilidades é muito mais amplo do que imaginava a princípio. Já o Lobo é o grande responsável pelo final feliz da história. Em vez de protagonizar cenas de crueldade, como ocorre nos contos de fadas tradicionais (*Chapeuzinho Vermelho* e *Os três porquinhos*, por exemplo), em *Cachinhos de Urso* ele é o herói — ou pelo menos um deles. Ainda que de maneira tortuosa, consegue convencer Papai Urso a deixar seu filho ir à festa como bem entender e a vestir-se de princesa. De quebra, o Lobo subverte o estereótipo vinculado a ele próprio: o de vilão.

Desse modo, a narrativa se encerra com uma mensagem de diversidade e tolerância — de onde só podem vir um convívio saudável e uma liberdade individual positiva.



NA SALA DE AULA

Para saber mais

Para o professor

INTERNET

- ITAÚ CULTURAL. “Flávio de Carvalho”. Verbete sobre o polivalente modernista. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9016/flavio-de-carvalho>>. Acesso em: ago. 2015.

- Geni.

Revista virtual sobre gênero e sexualidade feita por um coletivo de jornalistas, artistas e pesquisadores. Disponível em: <<http://revistageni.org>>. Acesso em: ago. 2015.

- SOARES, Wellington. “Educação sexual: precisamos falar sobre Romeo...”. *Nova Escola*, fev. 2015.

Trata da questão dos gêneros na sala de aula, citando casos reais como o de Romeo Clarke, de cinco anos, que tem mais de cem vestidos. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/educacao-sexual-precisamos-falar-romeo-834861.shtml>>. Acesso em: ago. 2015.

- 1 A festa à fantasia, ocasião que dá mote a *Cachinhos de Urso*, como o Carnaval, é um dos momentos em que convencionalmente se aceita a premissa de que cada um pode ser o que quiser. Com roupas e máscaras, as pessoas se transformam ou revelam aspectos de sua personalidade normalmente reprimidos.

Levando isso em consideração, aproveite a leitura do livro para organizar uma comemoração com os alunos. Pergunte de que cada um gostaria de ir (um animal, um personagem, um atleta, uma celebridade — as possibilidades são literalmente infinitas) e ajude-os a encontrar as soluções para se fantasiar. É interessante incentivar a confecção da fantasia ou mesmo uma combinação de peças que chegue ao resultado esperado. Na festa, você pode juntar as crianças e pedir que cada uma delas diga como se sente fantasiada e quais as vantagens e desvantagens de ser aquele personagem.

- 2 Para trabalhar a separação convencional entre “masculino” e “feminino”, faça com os alunos uma lista de coisas consideradas de homem e outra de coisas consideradas de mulher, incluindo cores, roupas, programas de televisão, filmes,

LIVROS

• BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Apresenta alternativas para enfrentar o problema e sugere atividades para o trabalho nas escolas.

• PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrasexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

Filósofa feminista transgênero, Beatriz escreve um texto contundente contra todas as normas de sexualidade e gênero.

• TEIXEIRA, Cíntia Maria; MAGNABOSCO, Maria Madalena. *Gênero e diversidade: formação de educadoras/es*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

De modo claro e objetivo, as autoras apresentam os principais temas relacionados à problemática de gênero, fornecendo subsídios para os professores dos ensinos fundamental e médio.

Para o aluno

FILMES

• *Billy Elliot*. Direção: Stephen Daldry. Reino Unido, 2000. 110 min.

Tendo como pano de fundo uma greve de mineradores, o filme mostra a trajetória de um garoto de onze anos que luta contra o preconceito familiar e social para se tornar um bailarino profissional.

• *Malévola*. Direção: Robert Stromberg. Estados Unidos e Reino Unido, 2014. 97 min. Versão de *A bela adormecida* centrada na relação entre a princesa Aurora e a bruxa que a amaldiçoa no nascimento. Nela, os papéis tradicionais e a narrativa dos contos de fadas são subvertidos.

LIVROS

• FALCONER, Ian. *Olivia não quer ser princesa*. São Paulo: Globo, 2014.

Olivia é uma porquinha em crise. Embora não saiba exatamente o que quer ser, ela se pergunta: por que todo mundo tem de pensar do mesmo jeito, vestir as mesmas roupas, sonhar os mesmos sonhos?

livros, profissões, atividades, sentimentos, atitudes e comportamentos. Peça que todos anotem as listas no caderno e, em casa, busquem na internet, nos meios de comunicação, em livros, vídeos e filmes ou na experiência pessoal exemplos que contradigam as listas. Por exemplo, se o rosa aparecer como feminino, pode-se mostrar fotos do time italiano Palermo, cuja camisa oficial é dessa cor.

Depois que os alunos apresentarem seus exemplos, inicie um debate com eles. Por que determinado aspecto da cultura foi colocado no campo do feminino ou do masculino pelo senso comum? Eles gostam de alguma coisa que está na lista do outro gênero? Pode-se afirmar que algo pertence a um gênero específico? Somos livres para sentir e agir como queremos, sem julgamentos?

- 3 Em *Cachinhos de Urso*, é o Lobo Mau que “salva” o protagonista, convencendo seu pai a deixar que se vista como quer. Não é essa a visão que temos do personagem pelos contos de fadas, em que ele sempre aparece como vilão. Levando isso em conta, sugira à turma que troque outros personagens clássicos de papel. O que aconteceria, por exemplo, se três lobos recebessem a visita do Porco Mau? E se a vida de uma madrasta boa fosse infernizada pela linda e terrível enteada? Cada aluno pode reescrever uma história clássica, tentando direcionar o fim para um contexto em que os papéis não fiquem tão presos a estereótipos.
- 4 Em *Cachinhos de Urso*, o texto escrito funciona como uma ilustração: o tamanho, a posição, a cor e o desenho das letras variam para acompanhar momentos dramáticos, alegres, gritos etc. Há uma brincadeira com as cores quando se fala em “festa” (p. 5); a fonte é maior e mais pesada quando o Pequeno Urso se recusa a mudar de fantasia (p. 13); ela cresce e fica mais incisiva quando o Lobo Mau entra (p. 22). Estimule os alunos a imaginar um conselho de algum dos personagens ao Pequeno Urso e criar uma letra diferente que reflita o conteúdo da mensagem. Depois, faça uma exposição desses conselhos na parede, para que todos possam vê-los.
- 5 Apresente à turma a vida e a obra do modernista Flávio de Carvalho (1899-1973), que atuou como engenheiro, arquiteto, desenhista, pintor, cenógrafo, escritor, músico



• HENSE, Nathalie. *Chega de rosa!* São Paulo: Edições SM, 2013.

O livro mostra os questionamentos de uma menina em face dos estereótipos de gênero, “desnaturalizando” os papéis tradicionalmente associados à masculinidade e à feminilidade.

• SENDAK, Maurice. *Onde vivem os monstros*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Um menino se transporta para um universo de monstros, longe de regras e adultos mandões. O livro trata da infância e da busca da liberdade diante da autoridade.

• GALLAND, Anne. *A história de Júlia e sua sombra de menino*. São Paulo: Scipione, 2010.

Um dia a sombra de Júlia adquire a forma de um garoto, o que faz com que ela questione sua própria identidade.

e filósofo. Mencione que, em 1956, ele fez um passeio pelo centro da cidade de São Paulo com seu *New Look*, um traje masculino apropriado ao clima brasileiro, que consistia em saia, blusa de mangas curtas e sandálias. Assim, ele criticava o uso, sem qualquer questionamento, de roupas ditadas por países europeus.

Proponha então que os alunos organizem um desfile de moda. Cada um comporá a própria vestimenta, sem se preocupar com estereótipos ou imposições sociais, levando em consideração apenas o que acham bonito, prático e interessante.

ELABORAÇÃO DO GUIA Thiago Barbalho (formado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, editor e escritor);
ELABORAÇÃO DO TEXTO DOS BOXES Chantal Castelli; EDIÇÃO Lígia Azevedo;
PREPARAÇÃO Marcia Menin; REVISÃO Carla Mello Moreira.